

Parasitismo social: Chave analítica para a obra de Manoel Bomfim

GISLANIA DE FREITAS SILVA
LARISSY LEAL MATIAS

Resumo: Este artigo visa apresentar a obra de Manoel Bomfim, partindo do conceito de parasitismo social com que o autor trabalha ao analisar o processo histórico formador das nações latino-americanas e seus desdobramentos políticos, econômicos e sociais. Presente desde o seu surgimento, o parasitismo social persiste como elemento constitutivo dessas sociedades.



Palavras-chave: Manoel Bomfim. América Latina. Colonialismo.

Social parasitism: the analitical key to Manoel Bomfim's work

Abstract: This article aims to feature Manoel Bomfim's work, starting from the concept of social parasitism, with which the author analyzes the historical process of formation of the Latin-American nations and its political, economic and social developments. Present from the beginning, social parasitism persists as a constituent element of these societies.

Keywords: Manoel Bomfim. Latin America. Colonialism.

GISLANIA DE FREITAS SILVA

Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Ceará (UFC), professora da rede estadual de ensino e pesquisadora do Observatório das Nacionalidades. gislaniafreitas@yahoo.com.br

LARISSY LEAL MATIAS

Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisadora do Observatório das Nacionalidades. larissyleal@hotmail.com

RECEBIDO 02.08.2015

APROVADO 05.02.2016

Pobres almas!... Como seria fácil impingir teorias e conclusões sociológicas, destemperando a linguagem e moldando a forma à hipócrita imparcialidade, exigidas pelos críticos de curta vista!... Não; prefiro dizer o que penso, com a paixão que o assunto me inspira; paixão nem sempre é cegueira, nem impede o rigor da lógica.

(Manoel Bomfim, *A América Latina: males de origem*)¹

1 INTRODUÇÃO²

Manoel Bomfim,³ resolvido a entrar no debate corrente acerca da América Latina e a contraditar a visão depreciativa sobre os latino-americanos constantes nos círculos intelectuais europeus e americanos, aponta que a causa de nossos males não é a composição biológica do nosso povo mestiço. O parasitismo social – numa analogia entre as sociedades e organismos vivos – é a enfermidade que macula nosso continente, desde a chegada dos europeus e sua empreitada colonial. O autor se atira vorazmente contra as generalizações falsas e equivocadas que maculavam e estigmatizavam as nações e os povos do Novo Mundo.

A intelectualidade brasileira, em meados do século XIX e início do século XX, respirava ares europeus. As teorias científicas da última moda recheavam as análises dos brasileiros sobre sua sociedade e sobre o continente americano desbravado pelos impérios ibéricos. O racismo científico encontra solo fértil entre nossos intelectuais, uma vez que engatinhávamos na elaboração de um pensamento próprio e original sobre a composição de

1 Cf. Bomfim (2005, p. 38).

2 Apreciações preliminares de uma pesquisa em andamento no âmbito do Observatório das Nacionalidades, vinculada às atividades do Grupo de Estudos das Nacionalidades (GEN).

3 Manoel Bomfim, natural de Sergipe, nasceu em 1868 e, desde cedo, demonstrou que não seria ele a cuidar dos negócios do pai, comerciante de sucesso e latifundiário. Já em 1886, ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia e, posteriormente, segue para o Rio de Janeiro para completar os estudos. Sua carreira como médico cedo é encerrada e passa a se dedicar à educação, à formação dos cidadãos brasileiros para a nova sociedade que se quer republicana e democrática. Faleceu em 1932, depois de diversas cirurgias, vitimado por um câncer.

nossa sociedade e creditávamos à mestiçagem do povo americano as causas de suas mazelas políticas, econômicas e sociais (SCHWARCZ, 1993, 2012; SCHWARCZ; STARLING, 2015).

O presente artigo tem como objetivo apresentar a discussão empreendida por Manuel Bomfim (1993; 1997; 2005) sobre a América, a partir do conceito de *parasitismo social*, perspectiva analítica que permeia toda sua obra de estreia, *América Latina: males de origem*. Sobre o conceito, vale ressaltar que o autor inspirou-se em trabalhos da área de Biologia para compor sua definição.

Baseou-se nos estudos de Jean Massart e Émile Vandervelde, que formularam em *Parasitisme biologique et parasitisme social* (1898), uma teoria do parasitismo, aplicada tanto às relações biológicas entre seres vivos quanto aos vínculos sociais e econômicos entre os indivíduos e grupos. Adaptou, em *A América Latina*, as relações parasitárias das ordens vegetal e animal para o terreno social, mais especificamente para a colonização dos espanhóis e portugueses na América. (VENTURA, 2001, p.243).

Dialogando com autores contemporâneos, é nosso interesse mostrar a riqueza analítica presente na obra de Manoel Bomfim, que tem como mote a tese de que a raiz de nossos males se encontra na servidão a que foram relegados nossos povos desde a chegada dos europeus. O encontro do Velho Mundo com o Novo conformou o mundo capitalista moderno, uma vez que a América Latina entra em cena numa posição subalterna e seus povos vilipendiados ante à hegemonia do capital.

América Latina: males de origem foi publicado pela primeira vez em 1905, mas começou a ser escrito quando o médico sergipano se encontrava em Paris (1902-1903), para realizar estudos em psicologia experimental, na Sorbonne.⁴ Obra de abertura, possui envergadura analítica ao passo que foi escrita num tom acalorado de alguém que defende o objeto de sua paixão. Durante sua

4 Em sua viagem a Paris, entre 1902 e 1903, com bolsa de estudos do governo brasileiro, Bomfim estudou psicologia experimental com Alfred Binet (1857-1911) e George Dumas (1866-1946), na Sorbonne.

estadia na França, teve contato com o que a intelectualidade europeia afirmava sobre o Brasil e a América Latina e não se conteve. Escreveu uma resposta à altura dos agravos contra sua amada terra natal.

Desde meados do século XIX ao início do século XX, pensadores nacionais buscavam compreender o que era o Brasil e como se formava. País mestiço? Cadinho das raças? País degenerado biologicamente? O branqueamento é a solução? Tais eram as questões às quais se lançavam grandes nomes, como Tobias Barreto, Nina Rodrigues e Silvio Romero.⁵ Estes, no entanto, embasbacados com as teorias racistas e o darwinismo social em voga nos círculos europeus, olhavam para a sua nação, bem como para seus vizinhos latinos, com olhos desdenhosos e traçaram um futuro pessimista para o Brasil.

É nesse contexto que Manoel Bomfim redige sua obra, com eloquência e amparado em forte documentação histórica e em teorias sociológicas, antropológicas, biológicas e psicológicas. O autor traz uma abordagem inovadora, na contramão das ideias vigentes, e lança-se ao desafio de compreender a formação de sua sociedade e pensar saídas para a superação de seus problemas, assentados em *males de origem*.

2 A AMÉRICA LATINA, MALES DE ORIGEM: OBRA MAGISTRAL

As ideias que encontramos em *América Latina* foram gestadas ao longo da década de 1890. Depois de ler o *Report of the Commissioner of Educations* (1890), que delineava o quadro estarecedor da educação na América Latina, o autor dedicou-se a leituras sobre o continente, aprofundando suas críticas ao regime colonial e suas consequências sobre a vida política, econômica e cultural das jovens repúblicas e do extinto império brasileiro.

5 Para citar alguns mais conhecidos. Esses autores se dedicaram a compreender as implicações da mestiçagem para a formação da nação brasileira, influenciando, inclusive, os códigos penais da época, que apenavam os criminosos baseados nos discursos construídos acerca de suas “raças”. Para saber mais, indicamos a obra de Lilian Schwarcz (1993), listada nas referências.

No entanto, foi depois da leitura de *Physic and Politics*, do sociólogo inglês Walter Bagehot (1826-1877), que decidiu escrever um ensaio sobre o tema.

Nesse ínterim, Bomfim foi convidado a redigir um parecer sobre a obra *Compêndio de história da América*, do historiador Rocha Pombo (1857-1933). Apesar de tecer comentários elogiosos, foi intransigente no tocante à participação do negro na formação de nossa sociedade, bem como o papel da escravidão e suas consequências sociais nefastas. Bomfim não aceitava, sob nenhum aspecto, ideias racistas e rechaçava frontalmente o racismo científico (AGUIAR, 2000). Desta feita, pôde sistematizar pela primeira vez suas ideias acerca do continente.

A America Latina: males de origem vem a ser a coroação de mais de uma década de estudos dedicados à compreensão da formação da sociedade brasileira e do seu papel no continente americano. Estruturou suas ideias numa tríade que perpassa toda a obra: parasitismo social, críticas às elites nacionais e profundo repúdio ao racismo científico. Como assevera Ronaldo Conde Aguiar (2000), essa obra traçará as bases de todas as suas análises futuras.

A obra sociológica do sergipano, publicada após *A América Latina: males de origem*, pode ser entendida perfeitamente como um corolário natural de proposições que registrou em 1905, o que não desmerece nem reduz a importância dos livros do ciclo da maturidade de Manoel Bomfim, como *O Brasil nação*, *O Brasil na América* e *O Brasil na história*. (AGUIAR, 2000, p. 251).

A obra foi recebida, de modo geral, com entusiasmo e admiração, para não dizer choque estupefacente, tal era a tônica das ideias desenvolvidas por seu autor, na contramão do que se debatia e acreditava como “verdade científica” sobre temas como raça, miscigenação, integração do negro e do indígena na sociedade brasileira, dentre outras questões prementes na época.

Tamanha inovação crítica e analítica, não passou despercebida por Silvio Romero, conhecido polemista e defensor ardoroso do racismo científico, que escreveu uma série de artigos na revista *Os*

Anais,⁶ posteriormente, compilados na obra *América Latina: análise do livro de igual título do Dr. M Bomfim* como resposta ao desafio lançado por Bomfim (AGUIAR, 2000). Diante de tal desdita, o médico preferiu se retirar momentaneamente do debate, apesar de ter sido convidado reiteradas vezes, pela mesma revista, para responder os agravos desferidos por Romero.

Alguns acontecimentos marcaram sobremaneira os rumos tomados pelo médico sergipano, o que acaba por interferir decisivamente em sua obra. Depois da morte prematura de sua filha Maria, Bomfim decide se afastar de vez da medicina e passa a se dedicar à docência e à formação de professores.

Bomfim esteve à frente do *Pedagogium*,⁷ uma espécie de museu da educação nacional, fundado em 1890, na cidade do Rio de Janeiro. Pensado nos moldes do *Bureau of Education* dos Estados Unidos, o *Pedagogium* tinha por objetivo a coordenação e o controle das atividades pedagógicas no país. Sua criação explicita a preocupação dos dirigentes nacionais acerca da formação de uma sociedade letrada e “civilizada”. Contudo, foi deixado de lado durante muito tempo pelas autoridades competentes. Devido à política descentralizadora do governo federal no tocante a educação pública, não teve muita expressividade e, já em 1892, passa para a esfera da municipalidade.

Durante o período em que esteve à frente do *Pedagogium* e, posteriormente, como diretor da Instrução Pública, Bomfim pôde aprofundar seus estudos sobre a educação nacional e maturar suas ideias sobre a formação nacional e o necessário comprometimento com a educação para a criação de uma nação unida e capaz de entrar nos trilhos do progresso. Dedicou-se de corpo e alma àquela que viria a ser sua vocação: *ser professor de professores*. Somente no final de sua vida, retoma com força a discussão sobre a formação nacional e redige *O Brasil na América* (1929), *O*

6 A revista *Os Anais* foi fundada em 1904, por Domingos Olímpio. Deixou de ser editada após a morte de seu fundador, em 1906.

7 Manoel Bomfim é indicado por Pereira Passos (1836-1913), prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, como diretor da Instrução Pública. Ele defende a educação pública como um dos caminhos necessários para se tirar o Brasil do atraso.

Brasil na história (1930) e *O Brasil nação* (1931), apesar de escrever, com certa regularidade, artigos para revistas e periódicos e publicar obras voltadas ao público infanto-juvenil.

Seus projetos de educação visam a construção de um cidadão brasileiro, necessário para formar e consolidar uma verdadeira república. Essa perspectiva orientará toda a sua prática docente e os trabalhos realizados à frente de instituições de ensino. A obra *Através do Brasil* (2000 [1910]), publicada em parceria com Olavo Bilac, ilustra bem sua preocupação de que os jovens compreendessem o que é o Brasil e como ele se forma.

Sua obra de estreia foi, a um só tempo, uma análise crítica bem fundamentada e uma resposta aos veredictos desabonadores sobre a América Latina, seus povos e o futuro possível. Foi, então, um claro posicionamento político e sociológico acerca do racismo científico em voga.

Em 1905, Bomfim procurou dar uma resposta aos teóricos e publicistas europeus que, apoiados no cientificismo naturalista e no evolucionismo, chamavam indistintamente os povos do continente de *inferiores*, entregues, segundo afirmavam, ao puro *barbarismo estéril* (AGUIAR, 2000, p.305 – grifos no original).

O continente americano surge para o mundo com as grandes navegações iniciadas por Espanha e Portugal. Motivo de deleite ou alvo de difamações, as terras que Colombo encontrou pairavam no imaginário social europeu ora como o paraíso perdido, ora como um inferno na terra, para onde os homens eram enviados a expiar seus pecados. Sua fauna e flora eram tratadas com interesse ou eram rapidamente reputadas ao patamar inferior, com animais de pequenos portes e plantas por demais exóticas (GERBI, 1996; SCHWARCZ, 2012; SCHWARCZ; STARLING, 2015).

No Brasil, tão logo Pedro Álvares Cabral pôs os pés em terra e Pero Vaz de Caminha escreveu sua famosa carta ao rei português, as visões e interpretações sobre o local oscilavam entre o Éden perdido ou a pura barbárie. Seus habitantes eram retratados ou como o “bom selvagem”, nos moldes de Rousseau (2008), ou, na maioria dos relatos, como os degenerados do conde de Buffon e de Corneille de Pauw (GERBI, 1996). Como apontam Schwarcz e

Starling (2015), em trabalho sobre a formação da sociedade brasileira, no que diz respeito aos povos que aqui moravam quando da chegada do português e à população que se formou durante séculos de colonização e escravidão de negros e indígenas, as versões eram fantasiosas e extravagantes, muitas vezes depreciativas e pessimistas, mas sempre relegando ao Novo Mundo um papel de um outro diferente, exótico, atraente e perigoso.

Brasil, Terra de Santa Cruz, Terra dos Papagaios, América portuguesa, ou qualquer que fosse o nome escolhido, designava uma ambivalência, mas também uma certeza: esse local nascera desempenhando o papel do “outro”, fosse na sua natureza ou nos seus naturais. Não obstante, se a natureza seria considerada edênica – uma eterna primavera coberta de animais pacíficos –, já a humanidade gerava desconfiança. Religiosos, soldados, comandantes, corsários ou meros curiosos legaram relatos passados avidamente de boca em boca. Neles, certa visão fantasiosa, que andavam muito além do que os olhos podiam ver ou a razão aceitar, alimentava as narrativas extravagantes de uma série de viajantes, em tudo imaginárias ou sobrenaturais (...) (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 33-34).

Os viajantes que andaram por essas terras ricas e estranhas, de gente pelada e de grandes impérios, tinham diante de si um mundo maravilhosamente novo, de possibilidades quase infinitas. Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (2004), traz ao centro da sua análise as lendas que povoavam o imaginário de portugueses e castelhanos no período das grandes navegações e conquistas no Novo Mundo. Tais narrativas, inspiradas na teologia medieval em que o paraíso, longe de ser um conceito abstrato e inatingível, era um lugar distante, contudo, ao alcance efetivo dos homens, deram o tom das primeiras investidas aventureiras sobre o continente recém-encontrado.

Dessa forma, Holanda (2004) procurou evidenciar até onde a imagem do paraíso terreal se difundira na era dos descobrimentos marítimos, avaliando as relações com fatores que, bem possivelmente, presidiram a ocupação do Novo Mundo pelo europeu. A

probabilidade deste cenário ideal se localizar nas Américas havia se propagado entre as populações cristianizadas da Europa medieval, especialmente pela leitura das descrições dos navegantes da época. A transposição da geografia do Éden para o Novo Mundo foi facilitada, sobretudo, pela livre circulação da linguagem analógica, hoje não mais utilizada.

Contudo, a ideia do Éden parava na terra e nos recursos naturais. Quando se tratava das populações nativas, as narrativas descreviam os comportamentos estranhos à cultura europeia como barbarismo, sinal do mal, de que não eram filhos de Deus e que, portanto, somente mediante a conversão seria possível resgatá-los da má influência de Satanás e do fogo do inferno. Dessa feita, catequização e colonização andaram juntas, buscando resgatar almas para Deus e riquezas e ouro para os homens. A passagem abaixo, escrita por Bomfim (2005), traz à baila a natureza intrínseca dessa relação durante a colonização ibérica e como esta marca a formação das sociedades americanas.

A crença afirma-se — e parece impor-se — justamente quando está em acordo com as necessidades orgânicas, características de um certo momento social; quando não, se dissolve, ou se transforma. Naquele momento, a fé acende-se, o ímpeto para propaga-la estende-se a todos — porque esta fé quadra com as tendências, com a necessidade íntima de conquistar, lutar e saquear. O crime é sempre crime, e os homens se apegam sôfregos a tudo que possa justificar perante eles mesmos as próprias injustiças e iniquidades; conseguem até iludir-se muitas vezes, calando, escondendo o verdadeiro móvel de certos atos suspeitos e invocando, apresentando, engrandecendo, a importância de supostos motivos, nobre na sua essência. Pode mesmo suceder convencerem-se de que é somente a estes últimos que obedecem. (BOMFIM, 2005, p. 91).

Percebemos, em sua obra, uma clara tentativa de desmistificar o Brasil e o continente americano, dando a conhecer sua formação política, econômica e cultural. Bomfim (2005) acreditava que só o conhecimento poderia libertar o Brasil e, por extensão, a América Latina do atraso a que foram relegados por séculos de colonização predatória.

O último quartel do século XIX foi prenhe de explicações e soluções para o Brasil e para a América Latina. Teorias de branqueamento racial, a cópia mimética do irmão do Norte, a perseguição e o extermínio de povos indígenas, a proibição do tráfico de negros e o fim da escravidão sem a devida incorporação do negro na nascente sociedade industrial, a imigração massiva de brancos europeus, enfim, diversas foram as respostas à grande interrogação sobre o Brasil e o sul do continente americano.

Assim, entre o paraíso perdido e a degeneração das almas, se forma um imaginário social que servirá de mote para a colonização da América, onde a catequização do nativo e a incorporação compulsória de centenas de milhares de negros africanos darão o tom da mestiçagem brasileira, incompatível com as práticas racistas, que aprendemos a dissimular tão bem em nosso cotidiano (SCHWARCZ, 2012; SCHWARCZ; STALING, 2015).

3 UM NOVO OLHAR SOBRE A AMÉRICA LATINA: O PARASITISMO SOCIAL E A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Manoel Bomfim diverge das vozes entoadas na Europa, na América e no Brasil no tocante às causas dos males que nos acometem e, principalmente, aos remédios necessários para sanar tais males. Como poucos em sua época, conseguiu tecer a teia de conexões da política nacional e internacional assim como traçar um panorama coerente da realidade histórica em que vivia. Fora dos cânones racistas e deterministas que dominavam as análises sobre o Novo Mundo, seus povos e seu futuro, o sergipano alardeava as raízes socio-históricas dos problemas que vivenciávamos.

Não aceitava as analogias biologicistas transpostas sem critérios; ao contrário, dialogando com renomados cientistas sociais como Auguste Comte e Émile Durkheim, partia de uma análise organicista para evidenciar os males do parasitismo social que dilacerava nossa sociedade. Afirmava veementemente que não era a mestiçagem racial que nos fragilizava, mas a conduta rapace das nações mais fortes em relação às novas repúblicas americanas. Dessa forma, dava contornos históricos, sociais e políticos aos problemas enfrentados, fugindo do tom fatalista e pessimista que

acompanhava as análises sobre nosso continente. Ao desenrolar a construção histórica da formação da nossa sociedade, enfatizava suas raízes na colonização, esforçando-se por deixar claro que as causas apontadas por muitos nada mais eram do que as consequências de uma formação forjada na relação parasita/parasitado.

Quando começou a colonização da América, já as nações peninsulares estavam viciadas no parasitismo, e o regime estabelecido é, desde o começo, um regime preposto exclusivamente à exploração parasitária. Desde o início da colonização, o Estado só tem um objetivo: garantir o máximo de tributos e extorsões. Concedem-se as terras aos representantes das classes dominantes, e estes, aqui – pois não vêm para trabalhar – escravizam o índio para cavar a mina ou lavar a terra. Quando ele recalitra ou se extingue, fazem vir negros africanos, e estabelece-se a forma de parasitismo social mais completa, no dizer de Vandervelde. Do ouro tira-se o quinto para a metrópole; tributa-se o açúcar, monopoliza-se o comércio; e corre para a mãe-pátria um caudal de riqueza. Todo o mundo vive dessa riqueza, ou diretamente – explorando na colônia o trabalho escravo, ou indiretamente sobre o Estado; não se compreendia viver de outra forma (BOMFIM, 2005, p. 128-129).

Para iniciar suas análises e reflexões sobre a América Latina e os males que a mantêm fora do caminho do progresso e sob os pés das grandes potências, Bomfim (2005) se detém na história da Península Ibérica e na composição singular de seus povos e de sua cultura guerreira, afeita às lutas, ao saque e a todo tipo de riqueza fácil. Espanha e suas cruzadas contra os mouros infiéis, Portugal e suas façanhas na conquista das especiarias do Oriente: eis o mote histórico para a conduta de aves de rapina, melhor dizendo, parasitária, que orientará a conquista da América e a destruição quase que completa das culturas e civilizações que aqui existiam.

Cabe destacar nesse momento que Bomfim (1997) não via a América Latina como um todo harmônico, um monólito. Ao contrário, tinha muito claras as diferenças existentes entre brasileiros, argentinos, peruanos, mexicanos... Mas optava por tratar a todos sob a pecha de América Latina, para enfatizar a crítica em

relação ao desconhecimento sobre a realidade dessas sociedades, para denunciar a pressa com que muitos estudiosos se punham a desferir preconceitos e sentenças desabonadoras, sem sequer dar-se conta da multiplicidade de povos que aqui viviam. Isso também facilitava, conforme aponta, a oposição entre o *North America* e o *South America*, com dois povos qualitativamente distintos.⁸

Acusados e vilipendiados nessa rubrica, era indispensável tomá-la e inscrevê-la no frontispício da obra dedicada especialmente ao assunto, para demonstrar — que os fatos apontados como índice de irremissível degradação geral, esses mesmos em que se identificam os chamados latino-americanos, são, tão somente, consequências necessárias das condições de formação colonial, lastimáveis, sim, mas perfeitamente elimináveis [...] Tornava-se necessário, mesmo, levantar esse tratamento quase infamante, para mostrar, justamente, que ele só é adaptado e assim repetido, porque dissertadores fáceis nos julgam sem que nos conheçam. Por ignorância e má vontade, eles criaram e mantêm o conceito que nos confunde, a todos, como se fôramos povos que apenas se diferenciasssem nessas qualidades más, ou negativas, tidas como características dos latino-americanos. (BOMFIM, 1997, p. 33).

A linguagem médica e eloquente da qual o autor não consegue escapar, tenta dar conta de um longo processo histórico que culmina com a degeneração moral e social dos povos da Ibéria e de seus herdeiros desafortunados, as repúblicas latinas. Nesse percurso, destacamos duas grandes fases: a “predatória” e a “parasitária”. Na fase “predatória”, foram explorados com brutalidade e violência os recursos naturais e humanos do continente. Os colonizadores agiam sob a febre do ouro, matavam, saqueavam e destruíam para conseguir rapidamente enriquecer e voltar para a metrópole.

8 No estudo de João Feres Jr. (2009) sobre a temporalidade do conceito de *Latin America*, o autor aponta como elemento significativo, presente durante o século XIX e boa parte do século XX, a ideia de atraso como característica fundante da América Latina, a qual se somam as ideias de preguiça, religiosidade (catolicismo, em oposição ao protestantismo) e ignorância. E, talvez o mais sintomático, a renitência da ideia de incapacidade de promover mudanças profundas, fadada a repetir a mesma história de atraso. Vale ressaltar que a *Latin America* é definida em oposição a América anglo-saxônica.

Exaurido o filão de ouro, adentramos à fase do cultivo monocultor assentado na escravidão. Inauguramos, assim, a fase “parasitária”: extraímos da terra, banhada a sangue negro e indígena, a riqueza que vai sustentar os parasitas reais, as cortes espanhola e portuguesa e seus corsários. A prática parasitária inibe toda a criatividade e todo o pensamento de indústria, andando em par com o tradicionalismo clerical que dominava a Ibéria, gerando a estagnação e a falência moral das instituições sociais.

Durante séculos, a força de trabalho empregada no Brasil foi a escrava, o que justificava certos cuidados de manutenção de privilégios. Esses cuidados resultavam em um total desejo de permanência daquele sistema de produção colonial, o que levou os primeiros administradores pós-1822 a desenvolverem ideias e condutas de verdadeiro culto à estratificação social. Conservar tornou-se uma função especial, a fim de se ver no amanhã o que estava posto no presente desde o passado, ou seja, uma estagnação universal.

Em vez de se esforçarem neste programa, as gentes dirigentes abrem o coração aos que se plantam na vida como uma árvore, estendem raízes a sugar para um lado e para o outro, e agora, toda a ação a dirigem no sentido de impedir que as coisas se transformem em torno de si. Não se contentam de estar imóveis; pretendem que, todo o mundo se petrifique e que a vida deixe de ser uma evolução para ser uma repetição apenas, a fim de que vejam amanhã o que veem hoje, e o que viram ontem — a estagnação universal. É o egoísmo arvorado em programa: coíba-se o progresso, perpetuem-se os abusos, amontoem-se as crises, contanto que ao misoneísta sejam respeitadas todas as ideias preconcebidas, e os sentimentos que trouxe de outra época, e os hábitos ligados a necessidades passadas; que não lhe firam um privilégio, que lhe respeitem a situação cômoda, em que vive a engordar sobre o labor alheio... É sem dúvida o sentimento que arrasta os políticos a essa aberração e obsessão conservadora. (BOMFIM, 2005, p. 179).

Para o autor, o conceito social de parasitismo seria capaz de dar conta do surgimento e desaparecimento dos povos ao longo da história, na medida em que o seu exercício causaria a exploração predatória e o gosto pela vida imprudente, que levaria ao esgotamento dos recursos e ao declínio das sociedades. A permanente luta entre parasita e parasitado seria, portanto, o principal motor para as transformações históricas. “O parasitismo normalizou-se, entrou nos costumes, como a coisa mais natural da vida” (BOMFIM, 2005, p. 120).

Ao fazer analogias entre o desenvolvimento biológico e o desenvolvimento social, Bomfim (1997; 2005) tenta explicar as causas do fracasso da Península Ibérica como decorrência necessária e inevitável de suas práticas coloniais parasitárias em relação às suas colônias. Como todo órgão não utilizado tende a atrofiar, assim as características que poderiam levar a península pelo caminho do progresso, como o prazer pelo trabalho e o cultivo das ciências, ao caírem em desuso social, uma vez que esses povos eram mais afeitos às práticas guerreiras e enriqueceram às expensas de práticas predatórias, ficaram cada vez mais mirradas e débeis. Segue-se, então, uma falência moral e intelectual.

Para que o parasitismo se sustentasse, era necessário conservar os dominados sob um regime que não aceitasse um despertar e não instigasse o pensamento crítico. Assim, Bomfim (2005) afirma que, enquanto a ciência e a filosofia ganhavam corpo no cenário mundial, na América Latina, o que crescia era a cultura da ignorância e de seleção às avessas. Para ele, no nosso continente, foi inserido um programa habilmente elaborado por aqueles aos quais interessava o regime de injustiça e privilégios, que protegia os interesses dos parasitas. Tal regime, diz o autor, era uma reação instintiva: “o instinto cego e feroz da própria conservação que unificava, numa política de imobilismo irredutível [...]”. (BOMFIM, 2005, p.152).

É nesse solo cultural que se gestam as repúblicas latinas e esses males presentes em suas origens irão erigir sociedades viciadas no ganho fácil das classes dirigentes locais e metropolitanas, ambas parasitárias, assentadas na violência e na espoliação das riquezas naturais e da mão de obra indígena e negra.

O regime parasitário sob o qual nasceram e viveram as colônias da América do Sul influíu naturalmente sobre o seu viver posterior, quando já emancipadas. Há no caráter das novas nacionalidades uma série de qualidades – vícios - que são o resultado imediato desse mesmo regime imposto pelas nações ibéricas. Essas qualidades traduzem a influência constante, fatal mesmo, nos casos de parasitismo social, máxime quando parasitado procede diretamente do parasita, quando é gerado e educado por ele. (BOMFIM, 2005, p. 135).

Como efeitos gerais do *parasitismo social*, nesse caso, do parasitismo metropolitano, o autor aponta o enfraquecimento do organismo parasitado, que tem seu desenvolvimento natural interrompido; a violência com que o parasita se fixa ao parasitado para garantir a manutenção dos vínculos que os prendem e a adaptação dos dois à nova realidade parasitária. Os organismos parasitários, sejam biológicos ou sociais, desenvolvem mecanismos de adaptação a situações e condições adversas para garantir a sua sobrevivência.

Muitas críticas foram feitas ao uso excessivo de metáforas biologicistas utilizadas por Bomfim, bem como ao conceito de parasitismo social que serve de “lente” para analisar o desenvolvimento das nações latino-americanas. Contudo, não podemos minimizar a capacidade analítica e elucidativa que tal conceito engendra.

Não obstante todas as críticas e discordâncias a respeito, o conceito de parasitismo permitiu a Bomfim desenhar um quadro explicativo sobre a dominação e a apropriação do valor trabalho. Seja na relação entre classes, seja na relação entre países periféricos (colônias e ex-colônias) e países centrais (metrópoles e potências imperialistas). A verdade é que nenhum outro autor brasileiro da época colocou, como Bomfim, no centro dos debates sobre a formação brasileira e a identidade nacional, as relações entre as nações hegemônicas e nações dependentes (AGUIAR, 2000, p.307).

Outro aspecto importante levantado pelo autor e que merece destaque, é sua perspicácia em relação aos irmãos do Norte, os Estados Unidos. Bomfim (2005) denunciava claramente a intenção nefasta para a América Latina por detrás da Doutrina Monroe,⁹ proclamada quase um século antes de sua obra. Enquanto nossa elite intelectual e nossos dirigentes políticos olhavam com ternura e sem critérios o irmão mais forte, o sergipano apontava com astúcia e lucidez os perigos advindos de tal relação (SANTOS, 2004).

O fato é que, no início do século XX, no Brasil, buscava-se não só a construção da identidade nacional brasileira, mas também uma identidade, uma unidade característica para o campo intelectual em formação. Nesse conjunto, a produção de Bomfim ganha destaque ao contestar o discurso eurocêntrico dominante, com novos e legítimos argumentos. Bomfim (2005) colocou em cena um contradiscurso, que colidia, frontalmente, com o discurso dominante e conservador de sua época.

A ideia formulada por Bomfim, em contraposição ao discurso que atribuía ao fator “raça” os motivos do subdesenvolvimento, é a tese do parasitismo social, na qual ele destacava que a coerência da dominação externa imposta pelo colonialismo, combinada com a dominação interna imposta pelas elites dirigentes, ocasionava profundos males aos povos latino-americanos. Essa necessidade de compreender as origens e as raízes da formação de nossa sociedade será a tônica de suas obras de análise do Brasil e da América Latina bem como estará presente em suas práticas docentes e na defesa da educação pública laica, de qualidade e de responsabilidade do Estado.

Como podemos observar, Manoel Bomfim escreveu e lutou pela América Latina num meio que lhe era hostil, não obstante seu posterior sucesso como autor de obras infanto-juvenis e editor da Revista Tico-Tico. Alertava sobre as intenções expansionistas

9 A Doutrina Monroe, proposta em 1923, pelo presidente estadunidense James Monroe (1758 - 1831), tinha por base a máxima *A América para os americanos*. Tal doutrina revestia-se de duplo aviso. Primeiro, para as potências europeias, especialmente a Inglaterra, que estavam de olho nas recém-nascidas repúblicas americanas. Segundo, para a América Latina, uma vez que deixa claro o tom das políticas externas estadunidenses para seus vizinhos do sul.

estadunidenses e nadava contra a corrente racista que embotava as análises sobre a formação da sociedade brasileira. Talvez se deva a isso seu esquecimento como um dos mais valiosos intérpretes do Brasil. Não estava à frente de seu tempo, ao contrário, dialogava como poucos com a realidade que se lhe apresentava.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos uma releitura da expressiva obra de Manoel Bomfim, temos a sensação de que estamos dialogando com um intelectual contemporâneo. Suas críticas às classes dirigentes de um país maldado desde o nascimento a uma cultura assentada em práticas predatórias apontam para um presente que repete um passado renitente, que teima em voltar e solapar os direitos, as esperanças dos menos afortunados.

Numa ordem internacional orientada por diretrizes de cunho neoliberal, a América Latina segue em seu papel subalterno no que tange à produção e à divisão do trabalho. Nesse sentido, o papel das instituições financeiras internacionais em orientar as “economias errantes” do capitalismo tem sido crucial para manter a ordem social há muito estabelecida (ANDERSON, 2012; MARTINS; GALLI, 2011).

Manoel Bomfim nos toca fundo, sua palavra é viva e o discurso eloquente. A denúncia do parasitismo social que sofremos tão logo adentramos na modernidade europeia faz-nos pensar acerca de nosso futuro. Ainda seguimos estabelecendo relações parasitárias, agora atreladas diretamente ao capital financeiro internacional. Os organismos multilaterais oferecem os novos mecanismos sociais de adaptação a situações adversas, enquanto o parasita continua a engordar às expensas da fome de milhares. De fato, o que se vê é a persistência de tais ligações funestas, com nova roupagem e novos mecanismos de atuação, preservando o *egoísmo arvorado em programa*.

Análises recentes de estudiosos que se dedicaram a responder a problemática do atraso e do desenvolvimento brasileiro, enfatizando a dependência a que estamos submetidos no incremento capitalista e o lugar que ocupamos na divisão internacional

do trabalho, sugerem que nossas estruturas ainda estão condicionadas pelas necessidades e interesses das nações dominantes (MARTINS, 2011). Os Estados nacionais, relegados à periferia capitalista, são alicerçados na ambiguidade assente na situação de estarem politicamente independentes, mas economicamente dependentes.

Não obstante a defesa de alguns teóricos acerca da necessária dependência para o desenvolvimento econômico (CARDOSO; FALETO, 1981), com a formação de uma estrutura produtiva nacional atrelada ao mercado internacional, muitos outros apontam para a necessária superação das relações de dependência em que se encontram, para benefício próprio, as elites locais em parceria com as elites internacionais. Estes propõem uma reinterpretação do próprio avanço capitalista, partindo da ideia de desenvolvimento da economia mundial. Dessa forma, elaboram um escopo analítico capaz de mostrar o profundo dinamismo nas relações externas e internas e formulam uma teoria do capitalismo dependente, apta a demonstrar as relações de dependência – *parasitárias* – que se estabelecem na América Latina (MARTINS, 2011).

Inteirar-nos acerca da formação da sociedade brasileira e da América Latina, escrutinando as interpretações as mais diversas possíveis, elaboradas ao longo de séculos, é um importante facho de luz a iluminar as possíveis vias analíticas para compreender os caminhos percorridos para sermos o que somos enquanto povo e formação social diferenciada no concerto das nações. E, principalmente, compreender que soluções são adequadas à nossa peculiar condição socio-histórica. Essa talvez seja a lição mais importante a nós ensinada por Manoel Bomfim.

Compreender nossa formação histórica e social é fundamental para construirmos um novo rumo para nossos povos, não baliçados pelas noções de desenvolvimento e progresso dos povos conquistadores, mas pela busca de nossas raízes ancestrais, pelas práticas comunitárias e pelos saberes silenciados por séculos de histórias contadas pelos vencedores (SILVA, 2013).

A história do pensamento social brasileiro, em muitos momentos excludente e parcial, esconde as análises, muitas vezes destoantes do pensamento dominante, de alguns autores do

passado. Existe uma espécie de estratificação dentro do campo teórico, referente ao papel dos intelectuais que se propuseram a interpretar o Brasil, que pouco transforma a ordem de importância das obras, pois tendem a petrificar julgamentos e valores. Assim, o pensamento de Bomfim é inovador, “um pensador rebelde” e humanista. Por sua ousadia denunciou o chamado racismo científico que paralisava parte dos intelectuais e a elite dirigente brasileira e mostrou, sob novos enfoques, o Brasil e o continente americano (AGUIAR, 2000).

Não é mais possível seguirmos nos adequando a uma realidade excludente, sem lutar para modificá-la. Manoel Bomfim afirma que os elementos que garantem a dignidade dos povos vêm dos parasitados, uma vez que o parasita e suas instituições estão corrompidos. É necessário parar de buscar formas de adaptação a um modelo econômico baseado na desigualdade e elaborarmos uma nova ordem social assente em outros valores que não o consumo, o lucro e a riqueza fácil advinda da exploração irresponsável dos recursos naturais e das populações, mas na união dos povos e na manutenção da dignidade de todos os indivíduos em suas matrizes culturais. Em tempos de uma forte onda conservadora, o grito dos excluídos não deve clamar pela inclusão no sistema que sempre os deixou alijados dos benefícios sociais, porém formular, em bases originais, as noções de igualdade e justiça social. Essa é a inspiração presente na letra forte e apaixonada de Bomfim.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. C. **O rebelde esquecido**: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: GENTILI, P.; SADER, E. (orgs.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado Democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

BILAC, O.; BOMFIM, M. **Através do Brasil**: prática da língua portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 [1910].

BOMFIM, M. **América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005 [1905].

_____. **O Brasil na América:** caracterização da formação brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997 [1929].

CARDOSO, F. H.; FALETO, E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina:** ensaio de interpretação sociológica. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GERBI, A. **O novo mundo:** história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso:** os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004 [1959].

MARTINS, C. E. **Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINS, M. D.; GALLI, R. **Multilateralismo e reações sul-americanas.** Fortaleza: EdUece, 2011.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Porto Alegre: L&PM, 2008.

SANTOS, L. C. V. **O Brasil entre a América e a Europa:** o império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington). São Paulo: Unesp, 2004.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, G. de F. **Nuestra América:** o nacionalismo internacionalista de José Martí. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

VENTURA, R. Manuel Bomfim: A América Latina males de origem. In: MOTA, L. D. (org.). **Introdução ao Brasil:** um banquete no trópico. v. 2. São Paulo: SENAC, 2001.